

Obviamente, a fotografia digital é uma revolução. As potencialidades dessa técnica são assombrosas – como as modificações que se podem fazer nas fotos

A revolução do photoshop

Fico impressionado com as coisas que o Beto Scliar, fotógrafo, faz com o photoshop, às vezes até de brincadeira. Obviamente a fotografia digital é uma revolução que ninguém, nem mesmo o amador, pode ignorar, mas as potencialidades dessa técnica são assombrosas, como assombrosas são as modificações que se podem introduzir nas fotos. Não se trata apenas de mexer nas fotos, de colocar mais cabelos nos carecas ou de arredondar as formas dos modelos; muitas vezes são criaturas novas que emergem dali, os Frankenstein da tecnologia.



O que faz pensar sobre os caprichosos caminhos da arte e da técnica. No passado, retratos estavam a cargo de pintores, e muitos deles viviam disto: era uma atividade que dava prestígio e dinheiro. Quando Vermeer, ou Rembrandt, ou Murillo, ou Velázquez retratava alguém, podia ou não estar consciente de que seu trabalho era obra-prima, mas provavelmente não era esse seu objetivo maior, mas arranjar grana para sustentar a família. É claro que já na época a possibilidade de ressaltar ou de esconder detalhes já existia, o que deu origem a um curioso episódio. Oliver Cromwell, o autocrata que no século 17 assumiu o poder na Inglaterra, foi, como todo mandatário, retratado por um artista. Acontece que ele não era exatamente um Adônis, e o pintor tentou melhorar sua aparência excluindo uma verruga que tinha no rosto. Coisa com a qual o severo Cromwell não concordou: ele queria aparecer no quadro com verruga e tudo. Mas Cromwell provavelmente era exceção. Retocar e refazer eram práticas habituais.



Havia até um termo para isto: pentimento, que vem de uma palavra italiana significando arrependimento. Muitas pinturas, com o tempo, iam ficando transparentes, mostrando que, sob elas, havia outras pinturas originais, que o artista havia desprezado ou modificado.



Aí aparece a fotografia e muda radicalmente as coisas. Retrato já

de do fotógrafo, como também de um privilegiado momento, aquele momento em que, por acaso, o artista consegue captar um fragmento de vida que é inspirador. Grandes fotógrafos como Robert Capa e Sebastião Salgado celebrizaram-se por saber captar cenas que fizeram história.



Agora, as coisas mudam de novo. E de forma surpreendente: a gente constata que os fotógrafos da era digital têm muito em comum com os antigos pintores. Também eles retocam, também eles trabalham as formas, as cores, a luz, a sombra; também eles criam uma espécie de supra-realidade. Desta maneira recuperam, ainda que de forma insólita, uma herança do passado. Aliás, este movimento de recuperação atualizada é uma constante em nosso tempo. Quando surgiu a TV, o texto escrito parecia condenado. A imagem vai substituir as palavras, era o que se dizia, e havia até uma fórmula matemática para isso, aquela da imagem valendo mil palavras (de onde saiu este cálculo, é um mistério). Mas a tecnologia continuou a evoluir e de repente a tela já não é mais só o espaço privilegiado da imagem, a tela (do computador) exhibe palavras. E isto está trazendo os jovens de volta ao texto.

Como dizia Shakespeare, há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia. Muitas destas coisas surgem diante de nossos olhos graças, exatamente, ao photoshop. Já não resultam, pois, de arrependimento (será que alguém ainda se arrepende de algo?) e sim da tecnologia. Qualquer dia desses vamos pedir a Deus que dê um jeito em nossas vidas. Deve haver um foshop divino para isso.

não era só obra de artistas plásticos. Estes, privados da demanda de séculos, mas, ao mesmo tempo, livres da obrigação realista, puderam procurar novas formas de expressão. Surgiram o impressionismo, o cubismo, o surrealismo. A capacidade de reproduzir realisticamente as pessoas, as coisas, as paisagens, ficou em segundo plano; a fotografia, de início desprezada, tornou-se arte. Uma arte que dependia não apenas da técnica e da sensibilidade